

Voltemos à Voz

Depois de dois meses de ausência, voltemos à voz. Se reparou, caro leitor, nos dois últimos números de A Página, o articulista (ego) andou pelas artes marciais (entrevista a Mestre Tran) e pelo marxismo (homenagem a Henri Lefebvre).

Bem, sobre estas andanças muito havia a escrever, o que daria páginas e páginas à Página. Por agora, deixe-me perguntar-lhe apenas: nunca teve um local secreto? Um daqueles que só você conhecia, você e o seu amigo invisível ou a sua bonequinha de trapos?

Ou: nunca teve um desejo secreto, um daqueles que só o seu grande amigo (visível) conhece? Desejo esse que você nunca conseguiu realizar mas, enfim um dia

Sabe o que é preciso fazer?

Não sabe?

Então vou-lhe contar uma história.

Matajuro, filho de um célebre Mestre de sabre foi renegado pelo seu pai que entendia que o trabalho do seu filho era demasiado medíocre para fazer dele um mestre.

Matajuro que tinha decidido apesar de tudo tornar-se um mestre de sabre partiu para o monte Futara para se encontrar com o famoso Mestre Banzo. Mas Banzo confirmou o julgamento do pai: 'tu não preenches as condições'.

- Mas se eu trabalho tão duramente, quantos anos vou levar até me tornar um mestre?, insistiu o jovem.

- O resto da tua vida, respondeu Banzo.

- Mas não posso esperar tanto tempo. Estou pronto a sofrer tudo para seguir o vosso ensinamento. Se me tornar vosso servidor devotado, quanto tempo vou levar?.

- Talvez dez anos.

- Mas sabe, o meu pai está a ficar velho e eu tenho de tomar conta dele. Se trabalhar cada vez mais intensivamente, quanto tempo vou levar?

- Oh, talvez trinta anos.

- Mas o que significa isso? Primeiro dez, agora trinta? Acredite-me, estou pronto a suportar tudo para dominar esta arte o mais depressa possível.

- Bem, nesse caso terás de ficar setenta anos comigo. Um homem tão apressado em obter resultados não pode aprender rapidamente, explicou Banzo.

- Muito bem, declarou Matajuro - compreendendo enfim a sua impaciência - aceito ser vosso servidor.

Matajuro teve então de nunca mais falar de esgrima, nem sequer tocar num sabre. Servia o Mestre, preparava-lhe as refeições, ocupava-se do jardim, e tudo isto sem balbuciar uma única palavra sobre a arte do sabre. Nem sequer estava autorizado a ver os outros alunos a treinar.

Três anos se passaram.

Matajuro trabalhava sempre e meditava na sua triste sorte de não ter a possibilidade de estudar a arte à qual havia decidido consagrar a sua vida. Ora, um dia, quando fazia o trabalho de casa, ruminando nos seus tristes pensamentos, Banzo deslizou por trás dele em silêncio e deu-lhe uma terrível estocada com um sabre de madeira. No dia seguinte, enquanto Matajuro preparava o arroz, o Mestre atacou-o outra vez inesperadamente. A partir desse dia, Matajuro, tinha de se defender dia e noite contra os ataques surpresa de Banzo.

Para não sofrer os ataques do Mestre, Matajuro mantinha-se vigilante a todo o momento. Aprendeu tão rapidamente que a sua concentração, a sua rapidez e uma espécie de sexto sentido permitiram-lhe em breve evitar os ataques de Banzo. Um dia, menos de dez anos depois da sua chegada, o Mestre anunciou-lhe então que não tinha mais nada a ensinar-lhe.

Percebeu? É sempre tempo de começar. Quer que repita?

É sempre tempo de começar, seja onde for e em que tempo for.

Quer voltar à voz? Esteja atento ao próximo número da Página.

Guilhermino Monteiro